

INOCÊNCIA

Sara Regina Albuquerque França (PUC-RS)¹

Olhando deste ângulo da janela, consigo avistar uma bagunça de verde em cima de verde. Lembra-me do quintal da casa de Dona Dulce. Lá, todo santo dia, mal tinha se espreguiçado o galo, ela me derrubava da cama sem piedade para ajudá-la a colher hortaliças para o almoço. Dizia que eu era moça mole, que devia ser mais prendada nas coisas da cozinha. Reclamava que eu não debulhava direito os grãos das espigas de milho, que salgava a sopa, que deixava o feijão insosso, o bolo solado, as batatas queimadas. Eu tinha que ser a melhor. Não podia perder nem par ou ímpar. Naquelas bandas, não era fácil arrumar marido. E a danada da velha enchia meu juízo com essa ladainha umas quinhentas vezes na semana. Parecia que estava jogando praga quando insinuava que eu nunca estaria preparada para o matrimônio. Mas a mulher até que tinha um bom coração. Tratava-me como uma filha de sangue. Só era esquentada a coitada. Avexada pelos cotovelos, não queria me deixar pra titia.

Já eu nunca tinha me inquietado com aquelas baboseiras de casamento até Inácio aparecer com seu bigode gaúcho. Chegou na cidade recitando uns versos rimados, que dizia serem dos poetas da Europa. Na viola, tocava umas cantigas sertanejas que o povo dali nunca tinha escutado. Era gracioso demais como ele apertava os dedos nas cordas. Tinha as mãos grossas, cabeludas no dorso, as unhas meio rosadas com umas cutículas aqui e ali. Sonhei várias vezes com aquelas mãos procurando meus mamilos por cima da blusa e eu, não, para, Inácio, não sou dessas pra você se engraçar. Acordava esfregando as pernas num emaranhado de lençol. Rezei bem uma dúzia de novenas para ver se conseguia manter a pureza dos pensamentos.

Inácio também queria uma mulher para casar. Então, apressei-me a lhe mostrar meus dotes com a costura e o pudim de leite. Ele pouco se importou. Disse que queria apenas uma mulher bonita para acompanhá-lo nas suas viagens pelo mundo afora. Garantiu-me casa, comida e roupa lavada. Minha única obrigação seria ficar ao seu lado, um sorriso no rosto, o cabelo arrumado, a roupa elegante, à

¹ Escritora. Mestranda em Escrita Criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: albuquerque-sara@hotmail.com.

disposição dos seus desejos. Pediu que eu desse uma volta à sua frente e exclamou que casava comigo dentro de um mês se eu arrancasse três quartos da minha testa. Três quartos, ele frisou. Passou a explicar, num palavreado difícil, que minha testa era grande demais para o meu rosto e que eu ficaria perfeita se conseguisse encurtá-la. Sugeriu arcar com todos os custos da minha cirurgia e me deu um tempo para refletir.

De início, fiquei magoada. Quis virar freira. Mas logo que me encarei no espelho com sobriedade, muita, muita sobriedade, percebi o quanto era enorme a distância entre a linha das minhas sobrancelhas e a raiz dos meus cabelos. Era visivelmente desproporcional aos meus olhos miúdos e à minha boca de traço fino. O pobre do rapaz tinha toda razão. Se eu queria ser uma esposa que lhe desse orgulho, teria que tirar uma boa parte daquela testa.

Nunca tinha escutado nem cochicho sobre hospital desta categoria. Quando me aproximei, uma fila de gente se estendia da porta e seguia arrodando o quarteirão. Inácio me explicou que tinha de chegar cedo para pegar uma ficha de atendimento, mas que eu não carecia de tamanho aperreio porque ele tinha cacife na identidade. Achei foi ótimo, pois se ficar de pé muito tempo num mesmo canto, fico logo calejada e me dá uma fraqueza nos ossos. Então, nos emburacamos guiados pelo segurança e o povo ficou vaiando, gritando xingamento, que absurdo, tem é peixada, não sei o quê, nem olhei para trás.

Aqui dentro, foi que liguei os pontos da compreensão: um sistema de remodelamento de alta qualidade, re mo de la men to, desse jeitinho que o doutor falou, parando em cada uma das sílabas, uns dentes tão brancos que desconfiei de água sanitária. Um programa exclusivo para mulheres, a oportunidade de dar uma ajeitada na aparência, ficar esbelta de fazer cair o queixo de noivo, namorado, candidato à chumbregação. O felizardo não precisa nem ser casado no papel, essas formalidades da lei. Só precisa detalhar como prefere, mais bunda, menos barriga, lábio assim, nariz assado, e depois assina um termo de consentimento junto com a dita cuja.

E não há limite para a criatividade, cri a ti vi da de. Tem quem saia daqui com escama nas pernas, quem implante um terceiro peito, quem serre as costelas, quem faça aplicação de pelo de gato, garantida a marca siamesa. Os efeitos colaterais podem ser dolorosos, mas o doutor deu a palavra que os clientes ficam cem por cento satisfeitos com o resultado. Eu acho que tive foi sorte. Mesmo com um monte de opções e fotos do antes e depois dos casos mais bem-sucedidos, Inácio não arredou o pé da sua ideia original e anotou lá no formulário: tirar três quartos da testa, apenas. Cumpriu nosso combinado.

Se me visse deitada nesta maca, aposto como a falecida Dona Dulce reconheceria que de nada serviram todos aqueles anos me obrigando a ser habilidosa para arrumar marido. Consigo até imaginar seu sorriso empolgado de aprovação, apertando a chapa com os dentes para que não se descolasse do céu da boca. Em poucas horas, eu estarei perfeita, perfeitinha, para colocar uma aliança de ouro na mão esquerda. Inocência Valadares de Oliveira, vou até ganhar sobrenome de gente famosa.